



*Constelação de Contos
brilhantes Estrela Sírius*



CONSTELAÇÃO DE CONTOS BRILHANTES ESTRELA SÍRIUS

No mês de setembro de 2020, a Coordenação do Ensino Médio lançou um projeto destinado aos alunos dos 9ºs anos do Ensino Fundamental 2 e das 3 séries do Ensino Médio denominado **Projeto Roda de Leitura e Concurso de Contos Estrela Sírius**. O Projeto começou com as RODAS DE LEITURA semanais, com leituras e debates de contos clássicos das Literaturas Brasileira e Portuguesa para os alunos dos 9ºs anos e 1º Ensino Médio e de contos contemporâneos brasileiros e africanos de expressão portuguesa para os alunos do 2º e do 3º. Médio, já que esses contos são cobrados no ENEM e nos vestibulares e normalmente os estudantes não chegam a estudá-los. Além disso, por meio das rodas de leitura e debates de contos, e do entendimento desse tipo de gênero narrativo, os alunos foram convidados a participarem de um concurso de contos para que, inspirados pelos contos das rodas de leitura, pudessem produzir contos de sua autoria.

Todos os alunos dos 9ºs anos e do Ensino Médio receberam o convite para a participação no concurso de contos, recebendo com ele as normas e os procedimentos para isso, ficha de inscrição que deveria acompanhar o conto elaborado pelo participante e conter o pseudônimo do autor, ficando a data de 3 de novembro de 2020 a data limite para o envio dos contos à coordenação do Ensino Médio.

Uma comissão julgadora dos contos participantes do *Concurso de Contos Estrela Sírius* foi montada com os seguintes professores: Cíndia Patti, Nadir Bispo, Daniela Arndt, André Fonseca e Rogério Soares, que, no dia 16 de novembro de 2020, entregaram à Coordenação do Ensino Médio os nomes dos contos e de seus autores dos 5 contos premiados e uma menção honrosa, conforme o quadro a seguir:

POSIÇÃO	CONCURSO DE CONTOS ESTRELA SÍRIUS 2020		
	PREMIADOS NOME DO CONTO	NOME DO ALUNO/PSEUDÔNIMO	TURMA
1	<i>ENGANADO PELO AZUL</i>	Eilan Beck Milena Rodrigues Morbeck	1EM
1	<i>SOL DA MEIA NOITE</i>	Lua Cheia Yago Baptista de Souza	3EM
2	<i>O CASTANHO DE SEU OLHAR</i>	Blackburn Cooper Juan Pablo Almeida Montaña	3EM
3	<i>O INTRIGANTE NMISTÉRIO DAS MEIAS SOLITÁRIAS</i>	Tiago V Lucca Corrêa de Brito	9º C
4	<i>A MENINA DO MATO</i>	Dolores Caixeta Ana Carolina Martins Pereira	9o. B
5	<i>AMOR DE CINAME</i>	Joana Lou Giovana Meneguim	1EM
MENÇÃO HONROSA			
6	<i>O ÚLTIMO HOMEM DA TERRA</i>	Brian Johnson Kaiky Machado Dalla	90.C

Os 7 textos premiados, conforme prometido no Regulamento do Concurso, estão sendo publicados nesta

Constelação de Contos Brilhantes Estrela Sírius, que, por sua vez, será publicada no site do Colégio Estrela Sírius.

Todo exercício de produção textual como este aprimora o desempenho na comunicação por meio da linguagem escrita, amplia o repertório e, neste caso de produção de um conto, estimula a criatividade dos alunos. Esse exercício intelectual também é um bálsamo para a alma, ainda mais no complicado contexto em que foram elaborados, o que torna o mérito desses alunos vencedores ainda mais importante.

A revisão dos contos para publicação nesta Constelação foi feita pela Professora Cíndia Patti. Agradeço a ela por isso, pelas maravilhosas e importantes rodas de leitura que realizou com os alunos e agradeço aos professores que fizeram parte da comissão julgadora dos contos inscritos no Concurso. Vocês o engrandeceram também.

Parabéns a todos os participantes do Concurso de Contos Estrela Sírius e obrigada por terem participado dele com tanto brilhantismo! Continuem assim: criativos, inteligentes, vitoriosos, enfim, jovens do bem, pois terão uma vida repleta de sucesso!

Com muito amor da

Professora Rosa Beloto

Coordenadora do Ensino Médio do

Colégio Estrela Sírius

ENGANADO PELO AZUL

Eilan Beck*

Azul era a cor preferida de Ethan LeBlanc. Ela preenchia as paredes de seu quarto, o seu carpete e também os seus olhos.

Azulado e aberto estava o céu naquela manhã, quando sua mãe pediu para que ele se aprontasse, porque compareceriam ao parque de diversões, como prometido ao menino. Após realizar o pedido de sua mãe, o garoto de 10 anos seguiu para a garagem, dirigindo-se ao seu carro, ou melhor, ao carro de Emily, sua mãe.

No automóvel, ele observava o céu, seu lugar preferido nesse mundo. A paisagem da cidade começava a ser deixada para trás, enquanto a criança continuava a mirar o mesmo céu. Ethan sentia-se grato, grato pela mãe que tinha. Ele a amava mais do que qualquer coisa, porque ela nunca o abandonou, permanecia a seu favor a todo instante, independente de estar certo ou errado na situação. Era uma lástima que não pudesse nutrir o mesmo por seu pai, aquele homem desprezível. O menino abominava o seu progenitor, era uma pessoa que não merecia sua atenção, não depois do que fez com a sua querida mãe.

Com um Djarum Black Menthol, mais conhecido como cigarro preto, entre seus lábios, a mulher de madeixas alvas tragava como nunca fizera antes. Aquela fumaça, que deixava LeBlanc enojado e desesperado, entrava e saía daqueles lábios finos e tristes.

Enquanto a jovem mulher gozava de sua cigarrilha, a criança engasgava-se com a fumaça e tossia repetidamente, lembrando a mãe da promessa de que ela nunca mais colocaria aquele maldito cigarro dentro de sua própria boca.

Reivindicou tanto, que mal percebera quando o carro vermelho ultrapassou o destino esperado, deixando para trás o parque que Ethan tanto implorou para ir, o motivo da euforia do pequeno rapaz.

Quando Emily estacionou o carro, já era tarde! Eles estavam longe, muito longe daquele parque de diversões. Percebendo que o lugar onde estava, nada se parecia com um parque, o menino começou a questionar a mãe. Ela nada dizia, apenas abriu a porta e retirou-se do automóvel, realizando o mesmo procedimento com o filho.

Os dois seguiram para o que Ethan julgou ser uma mansão, e ao adentrar a imensa porta, ele admirou tudo, os lustres, o chão límpido, as enormes janelas, as pessoas vestidas de verde turquesa, absolutamente tudo!

Ao passo que continuava admirando, sua mãe trocava palavras com algumas pessoas e preenchia alguns formulários. Ponderando um pouco sobre a estrutura e os tipos de pessoas presentes naquele local, o garoto chegou a infeliz conclusão de que era um hospício.

Aflito, ele iniciou uma série de indagações, as quais não eram respondidas pelo ser que mais amava. Não era tolo, sabia que seria internado. O desespero o consumia por completo, ele estava começando a suar e a querer gritar, entraria em combustão. Como um mecanismo de defesa, Ethan ameaçou atacar sua mãe, mas as pessoas de verde surgiram em sua frente, segurando seus macios e pequenos braços. As lágrimas grossas escorriam pela face daquele ser tão pequeno e frágil, enquanto ele vociferava para com a mulher jovem, aquela que jurou amá-lo.

Finalizando a papelada, a mãe do pequeno garoto dirigiu-se a ele e fez um carinho casto em seu rosto. E, em sua última tentativa de, ao menos, entender o motivo de ter sido internado, Emily finalmente respondeu o filho, porém não como ele esperava. Ela apenas o questionou sobre não se lembrar, realmente, do que havia feito e saiu pela porta daquele lugar.

O garoto estava sem reação, estava quebrado. Aquela que mais amava, deixou-o em milhões de pedaços. Só conseguia fungar e continuar a chorar, indagando a razão da própria existência. E se houvesse algum tipo de justiça naquele mundo, ela se manifestou naquele céu, o mesmo céu adorado pelo menino, que antes azul e ensolarado, tornou-se cinza e nublado.

* Milena Rodrigues Morbeck

SOL DA MEIA-NOITE

Lua Cheia*

O Sol nasceu, mas não era dia. Ainda que sentisse o calor de seus raios, não sabia dizer o porquê... nada disso fazia sentido! E paralelamente a isso, eu te sentia próximo a mim. O calor de teu toque, a imponência de tua postura, fizeram com que eu me ajoelhasse. Temi, porém não porque meamedrontara ou quisera esconder o meu eu do passado, mas sim, porque estava pronto para me entregar a teus braços, os quais, vigorosos, por uma vez me seguraram: a sensação proibida a qual não quis deixar. A lembrança reconfortante da junção de nossas mãos perdura e a cada ciclo que se passa, me pego mais e mais dependente de tua afeição. E a paixão me ilumina e exalta, um vínculo inquebrável e indubitável perante as mais cínicas e céticas mentes – que de nada me interessam. Pois, contigo, não há abrigo mais seguro. Os teus raios me iluminam e me fortalecem para um novo dia. Logo...

Tu és o Sol?

Outra vez amanhece, mas ainda era noite. Lembrei-me de quando nos fitamos pela primeira vez: um olhar ríspido, como o corte da mais afiada foice, contra um fragilizado, destruído, pisoteado. Os primeiros diálogos acompanhados por uma sutil xícara de café, as primeiras concordâncias, discussões, até mesmo as divergências..., mas o consenso (e a concessão) finalmente vieram quando te vi sorrir pela primeira vez. Talvez não tenhas visto, mas assim que nos despedimos, me perdi em minhas lágrimas, que já não trouxeram mais amargura. Não havia mais superfície onde pudera eu me reclinar. Senti-me como uma andorinha à frente de sua revoada, finalmente encarregado das rédeas de minha vida. Assim sendo, seguramente digo que, desde os primórdios, cada palavra tua ecoava no meu âmago e esses ecoseram como degraus de um extenso lance de escada, onde há muito vacilei e senti a dor de meus ossos, fustigados, mas em que agora consegui mereerguer novamente. Tua doce mão, ao me levantar, me salvou de um afogamento autoinduzido no mais longínquo trecho de oceano. Tua atitude resgatou a minha vida, e tua radiância é tamanha que quase me cega de total júbilo. E fazes me indagar repetidamente: tu és o Sol?

Irradia a alvorada pela madrugada. Mesmo que a confusão tente me alcançar, meus pensamentos são totalmente direcionados a ti. Tudo o que faço, tudo o que digo – minha veneração é tua! Pois, logo quando

merecolheste de minha cova infindável, me elevaste e engrandeceste. Puseste-me como um líder, uma divindade. Recuperaste-me, e me tornaste não só uma pessoa melhor, mas uma experiência com êxito. Apresento-me hoje como adama-da-noite mais bela e com a fragrância mais pura de todo o jardim, a alexandrita mais valiosa e esplêndida. E tua primazia e formosura não me permitem deslizar, mas apenas me enaltecem mais e mais. Não me comparo ati, mas... tu ages como tal! Garanto, com a promessa de mil anos, que eternamente será minha ternura, imortal será o ardor em meu peito e infinita será minha devoção a ti – para mim, tu és tudo!

Agora pude finalmente compreender: a escuridão nunca significou a ausência do Sol. Ele sempre esteve e estará lá, ainda que não o vissemos.

Enfim, sou capaz de discernir a verdade deste sentimento: ao te colocares ao meu lado, incumbiste a mim o papel de uma Lua cheia que vislumbrasse os olhos de todos, ao anoitecer. Assim sendo: devo-te tudo, porquanto me fizeste, Lua, reflexo de teu clarão... és o meu Sol da meia-noite!

Lua Cheia

* Yago Baptista de Souza

O CASTANHO DE SEU OLHAR

Blackburn Cooper*

Não sei se sou capaz de colocar em palavras o que vivi. Talvez uma música seja mais expressiva e fiel a todas as emoções e sentimentos. De qualquer modo, quero dizer com minhas palavras o que senti. Quero contar nossa história como se estivéssemos lembrando juntos, vivendo a nostalgia de caminhar pelas lembranças que jamais serei capaz de esquecer. Não me importo se tais palavras estejam sendo recitadas ao vento. O que vivemos foi muito além de cada momento!

Éramos duas jovens almas mergulhadas na grande descoberta que é a infância, buscando desvendar o mundo ao nosso modo, conhecendo a vida pelo choque do real com o imaginário, separando o frio do inverno, do calor do verão. E ali andava eu, confuso entre a realidade e a aventura daquele novo mundo à minha frente, como um navio perdido em meio a um mar sombrio. Foi então que te conheci, o farol de meu coração!

Você, diferentemente de todas e todos, não parecia perdida. Sua confiança me acalmava e sua loucura me motivava. Nossos pensamentos, mesmo sendo, em grande parte, delírios distantes de mentes férteis, cultivaram devaneios tão profundos que até hoje assolam meu ser. Com o tempo, conhecer-te tornou-se inevitável e o que antes era um amor confuso, passou a ser paixão concreta. Quando, pela primeira vez reparei verdadeiramente em seu olhar, olhei para o profundo de seus olhos castanhos, descobri que o que sentia não era em vão.

E, em meio ao crescer, tornou-se mais que claro o caminho que passamos a seguir.

Nunca cansei de nossas brincadeiras, nunca cansei de nossas discussões, nunca cansei de ouvir o doce som de suas palavras. Mas, pouco a pouco, deixávamos nossas crianças para trás e nos descobríamos como algo novo. Éramos como folhas na primavera moldadas entre a renovação, deixando o passado para trás e aguardando o nascer de um futuro.

Quando nos demos conta, o mundo já se tornara pequeno e na primazia de nossa juventude, o éden já não era mais o bastante. Descobrimos o quão insaciável era nosso espírito e, assim como Adão e Eva, não resistimos à tentação de comer o fruto proibido.

Descobrimos que estávamos nus, sentimos vergonha e nos vestimos. Entre a curiosidade e o perigo, perdemos a inocência e deslumbramos um novo mundo, mas fomos expulsos do paraíso.

No entanto, as águas da vida correm por correntes tempestuosas e a tormenta, desta vez, me levou para longe de você.

A alvorada de um novo tempo, moldada pelas más decisões de homens pouco sábios, trouxe-me aos fronts da Grande Guerra. Junto às trincheiras, vi outros homens que, assim como eu, estavam distantes de seu lar, distantes de suas amadas, distantes da paz! Foi ao som dos ataques, foi ao som dos tiros, foi ao som do terror, que aprendi a temer. Não a morte, mas a sua perda!

O calafrio da solidão e o medo de ser tirado de você, me fizeram criar forças e lutar. Foi o medo de te deixar que me deu coragem para continuar. E, em meio a tanta tragédia e destruição, foi essa coragem que me tornou capaz de matar. Junto aos gritos dos homens, ao soar dos apitos e ao zunir das balas, a morte ofereceu-me uma saída daquele inferno. O inimigo tentou tomar-me de você, eu não tive outra opção se não tomá-lo de alguém. Eu recusei a morte para voltar para você. Eu lutei por minha vida para, pelo menos, mais uma vez, poder contemplar o castanho de seu olhar.

Mesmo após retornar para casa, eu parecia ainda estar lá. Mesmo deitado sobre o conforto dos lençóis limpos de minha cama, eu me sentia sujo e perdido junto à lama das trincheiras. Sob as longas noites de insônia e, em meio aos clarões das lembranças de terror, minha mente parecia se perder. Foi então que, ao nos reencontrarmos, pude ver, novamente, em seu belo olhar, que eu não estava mais sozinho. Eu não podia deixá-la novamente e, por isso, selamos nosso destino.

O tempo passou e você curou minhas feridas. Trilhamos um belo caminho, nos deleitamos com a alegria de nossa jovialidade e aproveitamos cada momento juntos. No entanto, conforme envelhecíamos, algo parecia fora do lugar e um vazio começou a nos incomodar. Por mais que tentássemos, não gerávamos frutos e eu me sentia cada vez menor por isso. Não era capaz de nos dar um legado, não era capaz de dar, a você, alguém que carregasse nossas conquistas, nosso sangue, nossos valores e nossos nomes. Mesmo havendo outras opções, você decidiu seguir com este vazio e carrego até hoje a culpa de não ter lhe contemplado com um filho.

Ano após ano, as águas da vida se acalmavam e o preço do tempo começou a bater à porta. Nossos rostos começaram a enrugar e nossas forças a diminuir, porém você manteve o mesmo olhar. Voltamos a sondar os esmeros dos detalhes como crianças questionando a natureza do mundo. A vida parecia, até então, não reservar mais surpresas. Enquanto vivíamos nossa pacata rotina e nos acostumávamos com a sutileza da repetição, não enxergamos, em meio ao horizonte, o tamanho da onda que vinha em nossa direção.

E mais uma vez, rompendo de súbito a tranquilidade da calma, fomos tomados pela violência da tempestade. Queria poder suprimir toda sua dor, queria poder poupá-la de tamanho sofrimento, queria poder trocar de lugar com você. Não para que você me visse sofrendo, mas para que você não sofresse! Mesmo não sendo tão forte como você, eu suportaria cada segundo de agonia só para não vê-la naquele estado. Só pra não ver o seu olhar perdido em meio à escuridão.

Fiquei ao seu lado a todo o momento, passei noites em claro olhando você dormir e cultivando a esperança de um dia voltar para casa com você ao meu lado. Nada em todo esse percurso doeu mais do que ver, pela última vez, o castanho de seu olhar. Do que ver, por meio de seus olhos, a vida se esvaindo, do que sentir a dor de nunca mais poder olhar no fundo de seu olhar o que é amar. Você deixou-me, mesmo tendo lutado incessantemente para ficar.

E, mais uma vez, eu estava sozinho. O mesmo calafrio na espinha que tinha, quando imaginava que não voltaria para você, retornou a me assolar. O mesmo sentimento de solidão vivenciado nas noites de terror e loucura, voltara a me assombrar, mas agora não havia ninguém para me confortar. Afundei-me no remorso e no ressentimento, lembrando-me de tudo que não fui capaz de lhe dar, lembrando-me de meus erros e de meus fracassos. Torturando minha alma com a tristeza de recordar o que fora amar.

Não consigo descrever tamanha sorte que tive de compartilhar uma vida com você. Fui privilegiado com o dom da longitude e, com o passar dos anos, parei de me martirizar. Percebi que mesmo não tendo você fisicamente ao meu lado, nosso amor não havia cessado. Ele estava immortalizado nas lembranças, nas recordações e nos momentos que continuariam vivos comigo, enquanto eu os conservasse. Cada memória é como uma foto resguardada das mazelas do tempo, preservada pela persistência de mantê-la viva. Sendo assim, eu ainda a carrego comigo, mais viva do que nunca! Nosso legado pode não

estar concretizado em carne,mas está guardado em meu coração.
Você foi meu farol, minha luz e minha razão!

* Juan Pablo Almeida Montaña

O INTRIGANTE MISTÉRIO DAS MEIAS SOLITÁRIAS

TIAGO V*

Desde que o mundo é mundo, as meias são feitas para viverem em pares. Como pares, são úteis, agradáveis, confortáveis e importantes. Visitam lugares incríveis, saem de casa e, acima de tudo, sentem-se parte da família. São inseparáveis, tal qual um casal muito unido.

Mas, se tem uma coisa que pode interromper essa relação umbilical é a temida máquina de lavar. Todos sabemos que, quando lavamos nossos queridos pares de meias nessa máquina, eles dificilmente voltam completos. A máquina de lavar divorcia tantos casais de meias que poderia ser comparada às traições e às dívidas. E essa separação entristece as meias que ficam sobrando, pois tornam-se inúteis.

Afinal, do que adianta uma meia sozinha, se (a maioria de) nós temos dois pés?

Intrigado com esse comum, porém estranho acontecimento, o detetive em ascensão Xerox Rolmes, a cópia do original, resolveu investigar a fundo o que realmente acontecia quando as meias sumiam “do nada”. E descobriu algumas coisinhas.

Quando olhou para aquilo que ele conhecia como ralo, encontrou uma entrada para um mundo inimaginável. “Ah, mas como ele entrou no ralo?”. Ele podia não ser tão experiente como detetive, mas tinha recursos e criatividade. O que ele fez? Colocou uma câmera próxima à “entrada misteriosa”, para saber como as meias entravam e desapareciam no ralo. A partir dali, surgiram as revelações.

Quando a máquina entra na fase do enxágue e as atenções se voltam para onde a água cairá, abre-se uma “fenda mágica”, onde as meias são puxadas pelo General Chinelão, o líder do exército do Povo dos Chinelos.

“Mas por que o Povo dos Chinelos faria isso?”. Ué, simples: se separarmos uma meia do par, a outra se tornará inútil, como já expliquei. E, qual o calçado que usamos sem meia? Elementar, meu caro leitor, os chinelos!

Então, para resolver os sequestros das meias, Xerox Rolmes pensou em fechar o ralo (abertura para o mundo mágico) com concreto. E é isso que faz. Quando termina, chega para a dona da casa e diz:

— Mistério resolvido, senhora. Suas meias não irão mais sumir.

No dia seguinte, ainda sem chamadas para novos mistérios, Xerox recebe uma ligação. Era a senhora das meias.

“Sr. Xerox! As meias realmente não sumiram dessa vez, mas a minha casa está inundada, já que a água da máquina não desceu pelo ralo! O que aconteceu?”

E, então, ele percebe a besteira que fez! Pensou que tapar a entrada era uma sacada genial e simples, algo digno de um grande detetive, mas esqueceu que ele era só uma cópia do original e teve de destapar a entrada.

***LUCCA CORREA DE BRITO**

A MENINA DO MATO

Dolores Caixeta*

Estavam todos ansiosos para o acampamento, afinal, o 5 ° ano nunca tinha ido a um. Era um ano de novidades, tudo novo e surpreendente. A sala de Patrícia, mal podia esperar para montar barracas, fazer fogueira, brincar na lama...

O que não sabiam é quena floresta onde iriam acampar, o tempo estava péssimo. Quando chegaram, já se depararam diretamente com océu nublado, uma garoa e uma tristeza **bateu** nas crianças. Manuel estava **DESAPONTADO**, resolveu sair escondido da professora, na chuva, para **espairecer**.

Andou muito e chegou a um lugar que nunca havia visto antes. Era lindo, tinha um lago com águas cristalinas, muito verde, repleto de árvores, não tinha uma única casa no vasto paraíso, ou melhor, até onde ele tinha visto.

Como Manuel estava cansado por ter andado muito debaixo de chuva, decidiu sentar à beira do lago até a chuva passar e esfriar os ânimos, algo que ele não esperava aparecer.

Surgiu, do meio do mato, uma menina, ela parecia mais um bicho do mato do que uma pessoa. Seu olhar estava amedrontado, já que nunca vira uma pessoa, sua mãe a abandonou quando pequena na floresta, fazendo-a crescer sozinha, sem amor materno e sem contato com ninguém, a não ser com os animais.

Quando viu Manuel, ficou sem rumo, não sabia para onde iria e o que ele faria com ela. Estava com medo.

Já, Manuel, estava chocado, como uma pessoa parecia tanto um animal. Tinha um jeito desajeitado de andar, estava suja, seu cabelo despenteado e sem roupa, para aquela criatura andar como estava, parecia normal.

Ficaram alguns minutos se encarando, eles nem perceberam que ainda estava chovendo. E Manuel nem se deu conta que estava tarde e precisava voltar porque, naquela hora, já teriam sentido sua falta. A menina do mato então, sentou – se recolhida, quem era aquela figura que tanto a encarava?

Manuel pensou e, então disse:

- Oi, eu me chamo Manuel, qual é o seu nome?

A menina do mato não sabia falar e também nunca ouvira ninguém dizer nada, então arregalou os olhos quando Manuel disse as primeiras palavras. Ele achou estranho, será que a menina não o ouviu direito, pensou. Logo, levantou e chegou mais perto da menina e ela saiu correndo.

O garoto era muito valente, não tinha medo de quase nada, a não ser de barata. Correu atrás dela, a menina, desesperada, cada vez corria mais e não dizia uma única palavra. Manuel, não era nenhum atleta e uma hora cansou e percebeu que estava perdido, agora já tinha escurecido.

Decidiu então, passar a noite na floresta, dormiu e quando acordou, tomou um susto, a menina do mato estava à sua frente, isso ele não esperava, pois achou que ela tinha fugido dele e nunca mais averia. Decidiu que tentaria falar com ela, porque ele era muito persistente.

Só que, quando ele tentou falar de novo, ela desapareceu. Ele ficou até assustado porque agora ela tinha sumido, não ouvia nem corridas, passos ou barulho, simplesmente desapareceu. Manuel estava curioso, como uma criatura podia fazer isso? Depois de um tempo ela apareceu novamente em sua frente.

Ele não sabia o que fazer, nunca tinha visto esse episódio, a não ser em filmes. Parecia que a menina do mato queria dizer alguma coisa, só que ela não sabia falar. Foi quando ela ficou à sua frente, começou a engatinhar, ele a seguiu. Ela o levou a um lugar diferente, Manuel não tinha expressão.

Ele achou o lugar bem semelhante a uma maloca indígena sobre uma árvore. Só que dentro, era repleto de bichos e de plantas. A menina ainda queria contar algo para Manuel, mas não conseguia. Ele percebeu que nas paredes da casa que ela o tinha levado, tinha umas pinturas, bem parecidas com as que Manuel tinha aprendido em suas aulas de História. Com isso, o menino teve a brilhante ideia de falar com ela por meios de desenhos, ela o entendeu e começou a desenhar também.

Ela desenhou sua casa, por sinal a garota fazia isso muito bem, e duas pessoas lá em cima, com uma vista de toda a floresta e , no final do horizonte, bem distante, algumas barracas.

Manuel logo entendeu que ela sabia onde estavam seus amigos e a professora. E para lhe mostrar onde eles estavam, ela virou um gato e começou a engatinhar até o ponto mais alto que dava para ver a floresta. Só que agora ela estava em forma de gato e não de pessoa. Depois, quando ficou cansada de subir engatinhando, virou uma ave e saiu voando. Agora parecia que ela tinha dito a Manuel o que queria dizer. Ela queria mostrar que era meio humana, meio animal e ainda poderia ajudar com isso.

Quando conseguiram ver a turma de Manuel, ele gritou , a professora o ouviu e foi em sua direção. Nisso, a menina do mato sumiu e ele sabia que jamais a veria de novo, então ele pegou uma plantinha que estava na casa dela e a levou consigo, e desde então, ele cuida dela como se fosse sua filha e jamais se esqueceu da menina, que todos os dias pensava nele também, mas não tinha coragem de rever, achando que ele poderia contar o seu segredo a alguém.

* Ana Carolina Martins Pereira

AMOR DE CINEMA -

JOANA LOU*

Quando o vi pela primeira vez, tive a certeza de que ele marcaria meu coração com um amor que jamais havia sido despertado em mim, que ele me faria ter as memórias mais lindas e os sentimentos mais puros que já pude sentir em toda a minha vida.

Em seu olhar encontrei um espaço para chamar de meu, pois o brilho dos seus olhos me dizia o que só eu podia escutar.

Em julho de 1970, me mudei para o Rio de Janeiro, comecei a estudar Cinema, pois sempre foi a faculdade dos meus sonhos e fiz muitos amigos, o Rodrigo foi um deles. Por sermos os mais novos de nossa classe, nos aproximamos rapidamente, estávamos acostumados a passar todas as tardes juntos conversando sobre nossos sonhos.

Não demorou muito para que eu me apaixonasse por ele, arrisco dizer que meu coração sempre teve o desejo que ele me visse mais do que uma amiga. Então, quando ele disse que sentia o mesmo por mim, eu soube que ele continuaria sempre sendo meu melhor amigo e ainda teria o privilégio de tê-lo como meu companheiro.

Hoje eu o perdi, mas até seus últimos segundos de vida, ele conseguiu despertar a versão de mim que sempre pertencerá a ele, assim como o meu coração. Com o Rodrigo, senti o amor de cinema mais lindo de Ipanema.

* Giovana Meneguim

O ÚLTIMO HOMEM DA TERRA

Brian Johnson*

Quando tudo aconteceu, eu possuía apenas 25 anos, eu nasci no ano de 2020, em Londres. Neste ano mundo passava por uma pandemia de uma doença que até então era desconhecida e superestimada por todos. Mas, como costumava dizer meu pai, nada dura para sempre e, em menos de um ano, foi encontrada uma suposta vacina. E foi aí que ocorreu esta incalculável tragédia!

Além da pandemia que se alastrava dia após dia, existia um sentimentalismo de Guerra Fria acontecendo, nós tínhamos uma disputa, não mais ideológica, porém de eficácia para achar tal subterfúgio. Mas como já era de se esperar, o ser humano, com sua ganância e cobiça em demasia, fez algo que já havia se tornado uma especialidade da espécie, “desumanizar” o que um dia já havia sido humanizado, era uma nação culpando a outra por tal ocorrido, o mundo vivia à base de ameaças o tempo todo e foi assim até que chegamos ao ano de 2045.

O que ocorreu foi que um país bombardeou o outro com bombas atômicas. Eu não consigo entender como um ser que dizima sua própria espécie, todo um ecossistema, pode ser chamado de racional, a partir de então, eu comecei a interpretar a razão como um mero instrumento, o qual escolhemos como usar.

Resumindo, eu até agora sou o único sobrevivente, neste dia eu estava na casa de minha avó, a qual se localizava no interior, nos confins da Inglaterra. Tem sido muito difícil e curioso, pois me lembro de coisas banais, que ocorreram há muito, mas não são memórias comuns, pois eu posso sentir na pele, como se estivessem acontecendo. Lembro-me da minha mãe acariciando minha cabeça quando era pequeno, posso sentir a nostalgia que foi meu primeiro beijo, vejo meu pai me ensinando – me apescaçar, é como se a vara estivesse escorregando em minha mão. Recordo-me, também, que um dia antes disso tudo acontecer, minha avó estava lendo um provérbio bíblico para mim, senão estou equivocado, era o provérbio 28:1 (o ímpio foge, embora ninguém o persiga, mas os justos são corajosos como leões.).

Tudo está diferente, as grandes construções, as obras arquitetônicas, tudo retornou às cinzas. Nós temíamos o fim do mundo.

Achávamos que seria por algum motivo celestial, ou por uma catástrofe, mas nós mesmos conseguimos dar fim, ao que um dia chamávamos de casa. A única coisa que prevaleceu foi a majestosa natureza, ela está mais magnífica que nunca, é como se o mundo estivesse retornado ao seu marco zero. Não existe mais nenhuma obra humana, tudo o que um dia foi louvado por nós humanos, não existe mais! Por um lado, fico feliz em poder ver que pelo menos a natureza pode ser salva, mas, por outro, me sinto como o indivíduo mais desgraçado de todos, pois fui condenado a viver na abrangência tortuosa e angustiante que é a solidão. É cada vez mais peculiar a forma como anda minha memória, meus sentimentos e meu próprio bem estar físico.

Em relação à minha memória, eu consigo me lembrar e sentir coisas, como nunca antes e, em compensação, não me recordo nem mesmo do meu nome, às vezes consigo recordar de um nome como me chamavam, mas para dizer a verdade, não passa de um sussurro e, nesta altura, não faz tanta diferença assim. Meus sentimentos são como ondas do mar, vão e voltam o tempo todo, a saudade se tornou apenas o reflexo da minha memória, e conforme o tempo passa, ela degenera-se gradativamente.

O amor, eu o sinto de uma forma muito parecida com a saudade, mas só o sinto em sua forma pura, quando me lembro de Mary, minha namorada, mas temo um dia esquecê-la. A dor é o único sentimento que sinto em sua forma pura e inconfundível. É um tecido morto que jamais irá se degenerar e me acompanhará desde então. Mas devo dizer que fico feliz por sentir dor, pois em minha opinião, a única coisa que nos diferenciava de outras espécies seria a impulsividade voltada aos sentimentos, à percepção e à certeza da morte. Agora, até a certeza da morte foi me tirada, temo que os meus sentimentos e memórias também sejam. E são só eles que me dão forças para seguir em frente. Quanto ao meu bem estar físico, está melhor que nunca! Sinto-me cada vez mais forte e desprovido de qualquer fraqueza física, já faz dois dias que não como ou bebo alguma coisa e, para ser honesto, não está me fazendo diferença alguma.

Com toda certeza, algo aconteceu comigo, pois se eu não fui morto durante o bombardeio, era de se esperar que a radiação me matasse aos poucos, mas nunca estive tão bem como agora. EU devo ter adquirido alguma grande resistência física ou algo parecido e não sei explicar o porquê.

Apesar disso, acho que não sou imortal. Algum tempo atrás eu acharia um tanto quanto divertido viver com o dom da imortalidade. Mas, do que adianta ser eterno se as pessoas que faziam sentido para minha existência não vão estar ao meu lado? Portanto, prefiro o consolo da morte a ter que viver neste inferno que a vida tem sido para mim.

Aquilo que estou vendo é uma pessoa?

-Ei, espere...

*** Kaiky Machado Dalla**